



José Cardoso Pires

O erro de Confúcio

É admissível contestar-se a Tauromaquia de dignidade pela violência de morte que ela encerra como confronto entre a bravura de um animal absoluto, a corno vivo, não humilhado, e o rigor e a inteligência do homem que o domina a risco inteiro. Mas chamar Cultura à exibição de um animal que se amputou para ser torturado em carnaval barroco, isso é que só por malvez. O Confúcio de Macau levou a mal e com razão.

AQUILO PARECE que foi uma vergonha de todo o tamanho. Neste Ano do Rato lá no Oriente, alguns políticos de cá resolveram chamar cultura à portuguesa ao Touro de cornos cortados e aos marialvas a cavalo e, no maior dos descaramentos, despacharam-nos para Macau a ver se a coisa pegava.

Não pegou. Os ínclitos lusitanos foram recebidos nas arenas de Confúcio com cartazes e assobios contra a selvajaria de lidarem touros mutilados, em cima de cavalos marqueses ou a pé raso e peito feito com palmas e arruaças.

É admissível contestar-se a Tauromaquia de dignidade pela violência de morte que ela encerra como confronto entre a bravura de um animal absoluto, a corno vivo, não humilhado, e o rigor e a inteligência do homem que o domina a risco inteiro. Mas chamar Cultura à exibição de um animal que se amputou para ser torturado em carnaval barroco, isso é que só por malvez. O Confúcio de Macau levou a mal e com razão.

Um touro é, em si mesmo, uma encarnação de mito e de grandeza legendária que cumpre enfrentar com códigos de honra e de lucidez. Na descrição admirável de Herberto Helder, trata-se de “uma pedra gigante [...] que avança e pára — e bebe os ares. É difícil discernir a sua lei e os teoremas básicos que, pela acção, vai demonstrar. Mas existe um ponto onde o sistema de energias se pode abater — a ponta duma agulha. É o imperceptível lugar que o destino oferece à derrota e à morte.”

E pronto. Só por isto, ficam definidas a nobreza que se lhe confere na corrida à espanhola e a imagem “afeitada”, censurada, que ele assume no entrudo de cavaleiros de tricórnio e crista no ar das nossas praças.

Aqui tudo é espavento e primaris-

mo. A ausência de valores culturais compensa-se numa mitificação de referências abstractas — raça, bravura, saudosismos — e numa reincarnação das hierarquias que os patriarcas setecentistas defendiam nos seus escritos. No cume do espectáculo, o cavaleiro susserano, em seu barroco trajar, em acima do touro e longe da morte. Se for mestre e terratenente dar-lhe-ão o cognome de Califa e a companhia dum ilustre da estatura de Américo Thomaz que foi alfabeto com grau de Almirante e navegador sem geografia. No salão das artes ostentará, se ostentar, óleos toscos de amador e uns desenhos de Duarte Almeida ou outro assim. Na literatura, a peça é sempre a mesma: “A Última Corrida de Touros em Salvaterra” do medíocre Rebelo da Silva, muito citada em fados de salão e em efemérides de embuçados. E disse. Em matéria de cultura estamos conversados.

Pelo contrário, a Tauromaquia de arte maior começa com o apear do susserano. Foram os moços a pé, os Costillares, os Belmontes, os Joselitos, que discutindo a morte ao plano do touro e em terrenos de risco total, se elevaram às

alturas da consagração. Alguns, como Pepe Hillo, Paquiro ou Domingo Ortega, deixaram em bom castelhano os seus códigos de lidar. Outros, de mão menos letrada, não se confinaram por isso aos curros e aos “mentideros”: conviveram em aproximação cultural com um mundo que os admirava e lhes dava profundidade: com Valle Inclán ou com Rafael Alberti, com Ortega y Gasset ou com Buñuel.

Quando um dia ouvi Paco Camino, esse humilde andaluz triunfador, a falar de Ernest Hemingway, da sua intimidade pessoal e dos livros que dele conhecia; quando, por outro lado, li de Hemingway a genial descrição do confronto Ordoñez-Dominguin sob o implacável signo do Touro; quando recordo García Lorca na elegia a Inácio Sanchez Mejias; quando percorro Quevedo, Góngora, Rilke; e Goya, e Doré, e Picasso — torna-se-me exemplar que a autêntica Tauromaquia contém valores humanos, dramáticos e universais que a reflectem na obra de muitos dos grandes génios da Arte e da Literatura.

Foi também por isso que a tourada que saiu daqui com o rótulo de “cultura” foi excomungada aos assobios na Cidade do Santo Nome de Deus de Macau. Para aquela gente, tratou-se de um pecado exótico, duma selvajaria pagã sem qualquer contrapartida cultural e, sendo assim, só por piedade oriental não mandaram recolher os artistas aos curros. ●

PS: Desse cortejo de embustes, salvam-se os nossos toureiros a pé que são as únicas figuras de rigor numa mitologia de lidadores em fado menor e de cavaleiros de reis sonâmbulos. De resto, só eles são aceites nas praças de honra onde os grandes mestres do passado entraram pela Porta Maior nas Artes e na Literatura universais.